

O INVISÍVEL TAMBÉM SE LÊ

FERRERA, Lucrécia D'Aléssio. *Leitura sem palavras*. São Paulo, Ática, 1986. 72 p.

"Leitura sem Palavras", de Lucrécia Ferrara é, sem dúvida, um livro que põe em questionamento uma abordagem interessante a respeito da linguagem da comunicação e da leitura. Expõe uma visão de linguagem cuja estrutura não se encontra organizada convencionalmente no sentido de orientar a percepção do indivíduo.

Trata-se de uma leitura diferente, proporcionada por textos não verbais, que se organizam no espaço tridimensional fechado como o de uma habitação ou aberto, público, como o de uma cidade, rica em estímulos criados por uma forma industrial de vida e de percepção, um espaço privilegiado dessa leitura. Espaço esse que deve ser apreendido num sentido de espetáculo e de imagem cuja relação depende da produção de sua leitura e cujo objetivo vai muito além da decodificação.

O reconhecimento, a estruturação e a interpretação da leitura do texto não verbal exige do leitor operações mentais, que compreendem as espécies fundamentais e diferentes de raciocínio, verificados através da dedução, da indução e da abdução, capazes de entender as duas variáveis básicas que servem de ponto de referência para esse tipo de leitura, cuja base de sustentação a autora vai encontrar na teoria da Recepção, de origem alemã.

Ao contrário do texto verbal, onde o sentido fixado pelo emissor é pré-estabelecido, o texto não verbal difere daquele por ser um texto cujo emissor não existe, é um texto sem autor, é plurissígnico.

Para a leitura do texto não-verbal não existe um método, talvez pela própria incompletude e falibilidade de sua leitura; porém, a Autora prefere propor procedimentos metodológicos que se operacionalizam através de constantes estratégicas e procedimentos des-verbais.

Uma operação básica para a leitura do não-verbal é a descontextualização, ou seja, o levantamento da memória ambiental para a montagem de um plano de leitura não-verbal. Essa memória se verifica através de procedimentos des-verbais que resgatam, na documentação, nas fontes visuais ou auditivas, elementos que sirvam de motivo para a descoberta de similaridades cuja função é ajudar a enxergar a dinâmica presente e explicitar as relações estruturais e analógicas que serão explicitadas na leitura.

Após a abordagem teórica e argumentativa exposta na primeira parte do trabalho, a Autora tenta montar um diagrama onde teoria e prática se fundem, verbal e não-verbal se dialogam, constantes estratégicas se operacionalizam na prática.

A realização de uma segmentação para prover associações, descoberta de convergências e divergências que confirmam, ao lugar, um valor que sugere seu aspecto exclusivamente físico, visual ou funcional mas que o torne um processo bilateral entre cidade e seu usuário. A praça é o segmento eleito para análise de seu contexto histórico, cuja dominante é o contraste entre a funcionalidade indícial e a simbólica.

A Praça de Sé, em São Paulo, é tomada como modelo pela Autora para esse tipo de leitura, por servir de motivo de concentração popular, tanto religioso como reivindicativo e político. Nesse sentido, a Praça faz a multidão na medida em que é o espaço físico da concentração e é tida como símbolo da força popular. A Catedral, como elemento exponencial da Praça, tem sua imagem alterada em função dos tipos de concentração, criando textos não-verbais diversos.

Da Praça, a Autora passa à leitura da casa, tentando fazer um estudo comparativo das duas sedes, antiga e nova, da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – SP) cujas arquiteturas, segundo Artigas, “sempre tem alguma coisa a dizer”, e o dizem, sugerindo inclusive proposta de soluções para modelos espaciais para educação.

O livro traz ainda, além de um vocabulário crítico que muito auxilia a esclarecer conceitos abordados em seu conteúdo, uma bibliografia comentada, cujo conhecimento e leitura é fundamental para o aprofundamento no assunto.

Sônia Costa Martins

Mestranda em Biblioteconomia PUCAMP

Profª Deptº Biblioteconomia da UFMA

Recebido: 19 de abril de 1989

Aprovado: 17 de agosto de 1989